



## **ALFALETRAR EM AÇÃO: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA MUNICIPAL HUGO WERNECK<sup>1</sup>**

Juliana das Graças Gonçalves Gualberto  
Professora de 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental  
Escola Municipal Hugo Werneck/Regional Oeste  
[juliana.gualberto@edu.pbh.gov.br](mailto:juliana.gualberto@edu.pbh.gov.br)

### **RESUMO:**

Pode não parecer, mas o processo de alfabetização e letramento é bastante complexo, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Alfabetizar requer da professora estudo, preparação, planejamento, troca, reflexão sobre o percurso educativo, olhar e escuta atentos e definição de novos rumos sempre que necessário. Trata-se de um contínuo processo de ação-reflexão-ação, como disse Paulo Freire em sua consagrada obra *Pedagogia da Autonomia* (1996). Nessa perspectiva, este relato apresentará a experiência do percurso de formação continuada em serviço de um coletivo de professoras atuantes no ciclo de alfabetização da Escola Municipal Hugo Werneck, que aconteceu a partir da *Ação de formação para a docência em letramento e alfabetização* e se tornou o grupo de estudos sobre alfabetização e letramento. O texto descreve como se organizou o grupo de estudos e lança luz sobre a importância de as escolas, bem como de a política municipal de educação garantirem e valorizarem os espaços destinados à organização, ao planejamento e à formação continuada em serviço da professora alfabetizadora, ações essas essenciais à qualificação do trabalho docente e à própria política pública.

**Palavras-chave:** Alfabetização e letramento. Formação de professores. Formação continuada em serviço. Educação em tempo de pandemia.

### **Introdução**

Pode não parecer, mas o processo de alfabetização e letramento é bastante complexo, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. Alfabetizar requer da professora estudo, preparação, planejamento, troca, reflexão sobre o percurso educativo, olhar e escuta atentos e definição de novos rumos sempre que necessário. Trata-se de um contínuo processo de ação-reflexão-ação, como disse Paulo Freire em sua consagrada obra *Pedagogia da Autonomia* (1996).

Professoras se tornam alfabetizadoras no encontro com os estudantes nas salas do ciclo de alfabetização, na troca com os pares e a partir da sua experiência de vida e trabalho na escola. São inúmeros saberes mobilizados ao redor da sua

---

<sup>1</sup> Este relato de experiência apresenta o ponto de vista e as reflexões apenas da representante do Alfalettrar, autora deste texto.



formação, do seu trabalho e do *sujeito foco da ação educativa*, como nos lembra Maurice Tardif (2011) em sua obra sobre saberes docentes. Para que isso se concretize, é importante que a professora colabore com a construção de um projeto de alfabetização da escola, como sugere Isabel Frade (2005), e tenha garantido, dentro de sua carga horária de trabalho, tempo para o estudo, de modo que ela possa fazer o exercício de *olhar de fora* para a própria prática, lembrar do olhar ou da fala dos estudantes e alinhar tudo isso ao trabalho pedagógico. Formações continuadas em serviço podem possibilitar essa prática.

Nessa perspectiva, este relato apresentará a experiência do percurso de formação continuada em serviço de um coletivo de professoras atuantes no ciclo de alfabetização<sup>2</sup> da Escola Municipal Hugo Werneck, que aconteceu a partir da *Ação de formação para a docência em letramento e alfabetização* e se tornou o grupo de estudos sobre alfabetização e letramento. O texto descreve como se organizou o grupo de estudos e lança luz sobre a importância de as escolas, bem como de a política municipal de educação garantirem e valorizarem os espaços destinados à organização, ao planejamento e à formação continuada em serviço da professora alfabetizadora, ações essas essenciais à qualificação do trabalho docente e à própria política pública.

### **Uma ideia em construção: a formação remota em serviço sobre alfabetização e letramento**

Instituir um tempo em serviço para estudar casos, discutir atividades mais acertadas e ações de intervenção em alfabetização e letramento voltadas para o ciclo de alfabetização era um velho desejo das professoras do 1º ciclo da Escola Municipal Hugo Werneck (EMHW)<sup>3</sup>. Contudo, em função das várias demandas educacionais, as professoras e as coordenadoras pedagógicas não conseguiam

---

<sup>2</sup> O ciclo de alfabetização aqui destacado refere-se ao trabalho que se inicia na educação infantil com turmas de 4 e 5 anos até as turmas de 6, 7 e 8 anos, que equivalem do 1º ao 3º ano, do 1º ciclo do ensino fundamental.

<sup>3</sup> A EMHW está situada no bairro Grajaú, região oeste de BH. A escola atende a educação infantil com turmas de 4 e 5 anos e 1º e 2º ciclos do ensino fundamental, nos turnos manhã e tarde.



estabelecer esse momento na escola. Em abril de 2021 essa possibilidade começou a se desenhar<sup>4</sup>. Vivíamos um momento atípico na história da humanidade causado pela pandemia provocada pela COVID-19. Um ano após o início da pandemia as escolas continuavam fechadas, estávamos em um processo de novos aprendizados e reinvenção da docência. O trabalho continuava mesmo com os inúmeros desafios. Naquele tempo, em toda a rede, estávamos exercendo nossas funções profissionais em teletrabalho e oferecendo atividades escolares de maneira remota.

No mesmo mês, foi lançada a *Ação de formação para a docência em letramento e alfabetização*, promovida pelo Núcleo de Alfabetização e Letramento da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED-BH) em parceria com o Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Ceale/FaE/UFMG), com o propósito de oferecer formação em serviço e em rede para professoras e professores que atuam com crianças da faixa etária de 4 a 8 anos na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte (RME-BH). Essa ação formativa foi organizada a partir das orientações apresentadas no documento *Conhecimentos Essenciais para o Processo de Letramento e Alfabetização*, elaborado pela SMED; da articulação entre teoria e prática pedagógica com crianças das turmas de 4 a 8 anos das escolas municipais de educação infantil (EMEI), das escolas municipais de ensino fundamental (EMEF) e das instituições parcerias de educação infantil, em diálogo contínuo com a proposta apresentada no livro *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever* (2020), da saudosa professora Magda Soares. Essa iniciativa foi muito comemorada em nossa escola.

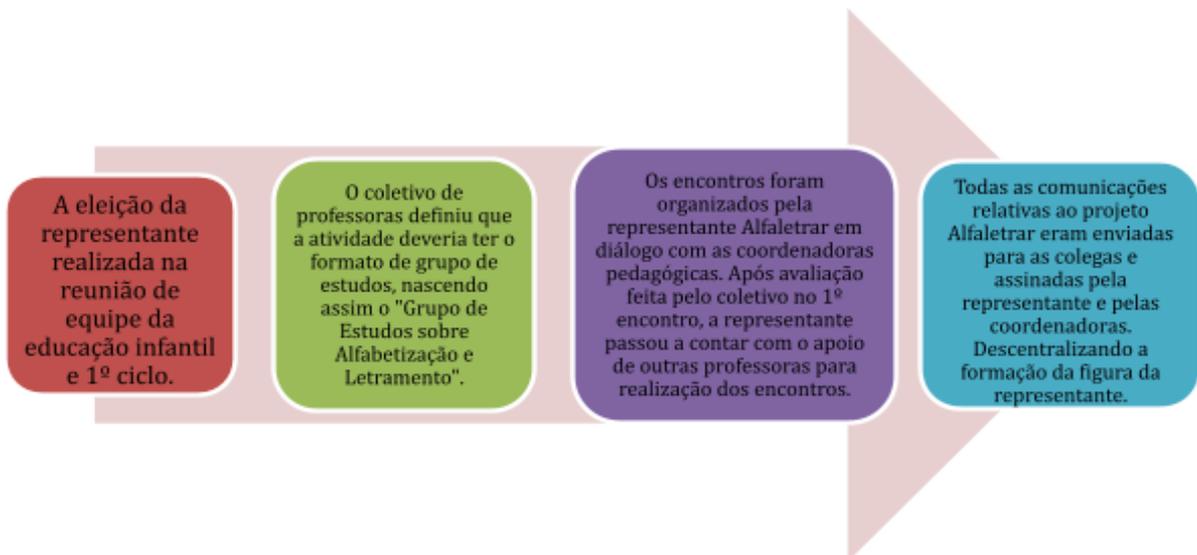
A estrutura da ação formativa previa a oferta de seminários e conferências virtuais mensais para todas as professoras alfabetizadoras da RME-BH e encontros

---

<sup>4</sup> Vale destacar que, desde maio de 2020, as professoras da EMHW, com apoio da direção da escola, através de longas conversas pelo WhatsApp e de reuniões virtuais, começaram a pensar em ações que pudessem orientar as práticas educativas presenciais ou remotas no contexto de pandemia. Dessas conversas surgiu a ideia de instituímos um espaço de formação remota com temas que considerássemos importantes e urgentes para nossa prática docente. A partir da leitura da nossa realidade escolar, entendendo que havia ausência da discussão e de projetos pedagógicos voltados para algumas temáticas, elegemos quatro temas para essas formações: *educação das relações étnico-raciais* (ERER); *tecnologias de apoio à educação*; *inclusão escolar*; e *alfabetização e letramento, com foco na criança com dificuldade de aprendizagem*. Em 2020 conseguimos organizar e realizar as três primeiras formações, ficando a quarta formação para 2021.

virtuais mensais nas escolas. Nesse contexto, uma das professoras do ciclo de alfabetização foi eleita como *representante Alfaetrar* e atuava como mediadora das discussões apresentadas em cada módulo de estudo. Foi quando vislumbramos a oportunidade de tentar instituir aquele velho e tão sonhado tempo para estudos, discussões e ações voltadas para a alfabetização e letramento. Naquele momento entendemos que poderíamos usar as contingências do tempo causadas pela pandemia a nosso favor, em função de a atividade ser oferecida de maneira remota e dentro do horário de trabalho.

Depois da apresentação da ação de formação para a docência em letramento e alfabetização pela SMED, nos encontramos em reunião virtual de trabalho com a direção e as coordenações pedagógicas<sup>5</sup> para conversarmos sobre a ação e organizarmos a atividade na nossa escola. Durante a conversa, diante das várias sugestões, o tempo foi sendo delimitado e foi sistematizado da seguinte maneira:

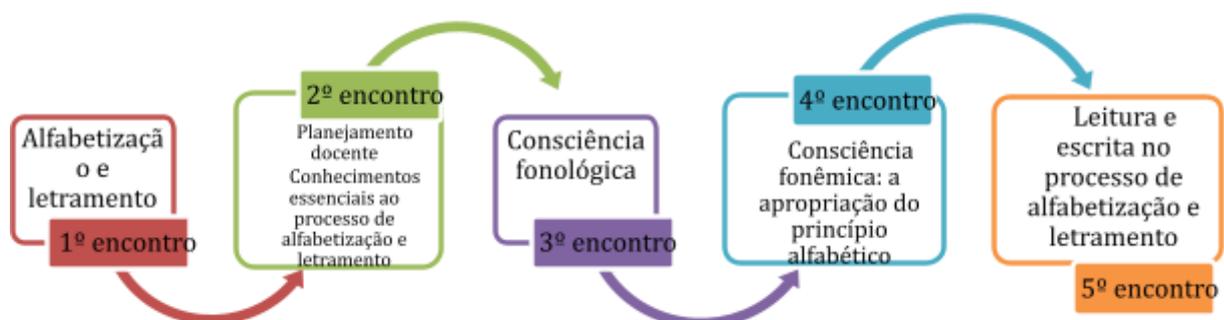


## O Grupo de Estudos sobre Alfabetização e Letramento da EMHW

<sup>5</sup> Cabe destacar que o apoio, suporte e a reorganização dos tempos e espaços escolares oferecidos pela direção e pelas coordenações geral e pedagógica foram essenciais para o desenvolvimento desta empreitada. Agradecemos também aos coordenadores Alfaetrar do Grupo Colaborativo 13 (regional oeste) pelas orientações complementares oferecidas. Sem a aposta destes sujeitos não teríamos conseguido avançar nesta iniciativa.

A partir das orientações oferecidas pelo Ceale/FaE/UFMG, cada encontro da formação teve um eixo temático específico de estudo e aos poucos foram se aprofundando nas discussões, sempre conectando uma reflexão à outra, às leituras realizadas e ao trabalho em turmas de alfabetização. A organização do grupo de estudos contou com dinâmica de apresentação feita pelos coordenadores Alfalettrar, para orientar a fala; mensagem inicial conectada à proposta; encontro dialogado, com perguntas sobre os pontos estudados, com espaço aberto para que todas que desejassem contribuir com a discussão; representante atuante como mediadora, mais distante, escutando e contribuindo com perguntas importantes sobre o tema estudado.

O formato de grupo de estudos permitia também que o coletivo recebesse a indicação de leitura ou vídeo antes para se preparar para o encontro; que houvesse a circularidade da palavra entre as participantes, podendo conter pontos de vista diferentes sobre uma mesma ação de maneira respeitosa; que a cada encontro fossem apresentadas pelas professoras atividades produzidas pelos estudantes de anos diferentes do ciclo de alfabetização para discussão e análise; que fossem apresentadas sugestões de atividades, ações e intervenções no campo da alfabetização; que os desafios, dilemas e dúvidas sobre alfabetização fossem compartilhados honestamente por aquelas que se sentissem à vontade; que avaliássemos cada encontro com vistas a ajustar os rumos dos próximos, caso fosse necessário. Neste sentido, os temas estudados de maio a novembro de 2021 no grupo de estudos foram:





O primeiro encontro ocorreu na terceira semana de maio de 2021, contou com a presença de 20 professoras (incluindo a equipe de gestão), foi mediado pela representante Alfalettar e a conversa girou em torno dos conceitos de alfabetização e letramento presentes na obra de Magda Soares e no documento *Conhecimentos Essenciais para o Processo de Letramento e Alfabetização*. Outras concepções de alfabetização e letramento apareceram na discussão, além das ideias de alfabetização em ação, aquelas materializadas em atividades e ações educativas junto às crianças. Foi um encontro muito produtivo, participativo, no qual a palavra circulou e as várias ideias tiveram espaço. Os pontos que se destacaram foram: 1) como alfabetizar e letrar mantendo a especificidade de cada processo e ao mesmo tempo sua interdependência? 2) como lidar com as dificuldades de aprendizagem de algumas crianças, trabalhando com todas ao mesmo tempo?

O segundo encontro ocorreu em meados de junho de 2021, contou com a presença de 16 professoras, mediado pela representante Alfalettar e pelas coordenadoras pedagógicas. O tema estudado foi *Planejamento docente e Conhecimentos essenciais ao processo de alfabetização e letramento*. Foi importante contar com a mediação das coordenadoras pedagógicas neste encontro, porque tivemos a oportunidade de conhecer e alinhar nossas reflexões ao Plano Emergencial de Alfabetização (PEALFA), que se iniciou naquele mês com o retorno presencial das aulas com pequenos grupos de estudantes. Esse encontro contou com muitas falas e contribuições importantes, principalmente sobre o planejamento docente e os atravessamentos<sup>6</sup> que às vezes impedem que as professoras avancem. Houve consenso sobre a importância de sustentarmos e avaliarmos sempre o planejamento, tendo este documento como um aliado no processo pedagógico.

Apesar dos vários desafios enfrentados naquele momento, em função do retorno presencial das aulas com pequenos grupos e ainda em estado de

---

<sup>6</sup> Entendemos como atravessamentos: ausência de um projeto de alfabetização da escola; mudanças contínuas e em pouco tempo de orientações institucionais; falta de apoio institucional para realização das atividades escolares; ausência de diálogo e coordenação do trabalho entre colegas que trabalham no mesmo ano escolar; relação entre professora e sua turma; paralisações e greves; e outros.



pandemia, o terceiro encontro aconteceu em agosto e contou com a participação de 15 professoras. Foi o mais alegre, leve e descontraído de todos, talvez por se tratar de um tema de estudo e trabalho com o qual temos muita afinidade, mas também por termos a oportunidade de conversar com as professoras dos 1º e 2º anos do ensino fundamental da escola<sup>7</sup>, profissionais que muitas de nós admiram, além é claro de serem excelentes alfabetizadoras.

As professoras convidadas e a representante Alfaetrar compartilharam com o grupo atividades diversificadas realizadas pelos estudantes de suas turmas, principalmente as atividades com escritas espontâneas, com mediação da professora. A partir disso a discussão se baseou na análise dessas atividades alinhadas ao que tínhamos estudado até agora, as nossas experiências profissionais e ao tema *consciência fonológica*. Vários exemplos de atividades foram compartilhados e discutidos. Nos relatos dos docentes, foi possível perceber os efeitos positivos da formação em rede do grupo de estudos no fazer docente. O que se destacou neste encontro foram as seguintes questões: como a criança aprende? Como a criança passa tão rápido de um nível de alfabetização para o outro? A consciência fonológica é a chave para um processo de alfabetização bem-sucedido, por isso deve ser um trabalho sistemático ao longo de todo o ciclo de alfabetização; é importante que a criança entenda bem o sistema de escrita alfabética, bem como o alfabeto e seus sons para avançar na aprendizagem.

O quarto encontro ocorreu em outubro do mesmo ano, fora do horário de trabalho, e contou com a participação de 17 professoras. Tínhamos muitas observações sobre a organização da atividade que se desenhava, o que colocava em dúvida a continuidade ou não do grupo de estudos, mesmo fora do horário. Inicialmente a diretora pediu um espaço do encontro para conversarmos sobre a nova organização com a ampliação do atendimento aos estudantes e decidimos continuar com grupo de estudos fora do horário de expediente pelo menos até o final do ano, pois percebemos os efeitos positivos daqueles encontros formativos na nossa ação docente. Neste encontro refletimos sobre consciência fonêmica; a

---

<sup>7</sup> É importante destacar que em 2021, em função dos atravessamentos causados pela pandemia, estávamos trabalhando com a oferta de dois anos escolares em um. Por esse motivo, na ocasião estas professoras estavam atuando com turmas de 1º e 2º anos.

apropriação do princípio alfabético; conversamos sobre a relação entre consciência fonêmica e a apropriação do princípio alfabético pela criança e refletimos sobre o início do aprendizado da ortografia. Contamos com a mediação compartilhada da coordenadora da educação infantil que dividiu conosco atividades realizadas junto às turmas de 4 e 5 anos, reforçando a importância de um trabalho qualificado de consciência fonológica, que consequentemente pode colaborar com a consolidação da consciência fonêmica nos anos iniciais do ensino fundamental.

O quinto encontro aconteceu em novembro, fora do horário de trabalho, e contou com a participação de 12 professoras. O tema estudado foi leitura e escrita no processo de alfabetização. Foi um encontro muito diferente das interações que estávamos construindo até ali, pareceu mais uma palestra do que um grupo de estudos, visto que a representante Alfalettar apresentou o tema e as demais professoras assistiram sem qualquer interação. Depois da exposição, a representante Alfalettar pediu às colegas que avaliassem o encontro. Logo uma colega percebeu a falta de interação do coletivo e destacou o seu cansaço em função dos vários desafios que se apresentaram após o retorno presencial das aulas e a constante preocupação com o processo de aprendizado dos estudantes. Em seguida, outras colegas também apontaram que compartilhavam dos mesmos sentimentos. Conversamos sobre alguns desses desafios e fizemos o exercício de propor alternativas a partir daquilo que estivesse realmente ao nosso alcance. Chegamos ao consenso de que o que poderíamos fazer de melhor neste contexto seria pensar nos estudantes e continuar o trabalho de ampliação dos processos de alfabetização e letramento desenvolvido junto a eles. Assim como Magda Soares (2020), também acreditamos que *toda criança pode aprender a ler e escrever*. Encerramos o encontro avaliando o grupo de estudos como uma ação extremamente importante para o nosso trabalho e com o compromisso de cobrarmos da próxima gestão<sup>8</sup> o apoio para a continuidade dessa ação.

### **De uma ideia em construção ao seu desenvolvimento: mas, e depois?**

---

<sup>8</sup> No final de 2021 aconteceram as eleições para direção da escola, uma nova gestão foi eleita e iniciou os trabalhos em 2022.



O grupo de estudos criou importantes expectativas e entendemos que temos muitos desafios pela frente para sustentar a continuidade dessa ação na escola, que foi impulsionada pela formação em rede, mas que precisa se tornar algo permanente e integrado às práticas pedagógicas da escola com vistas à qualificação dos processos de alfabetização e letramento. É importante destacar que estes encontros, para além da construção do conhecimento, foram também momentos de trocas afetivas que ajudaram as participantes a se fortalecerem profissionalmente durante a pandemia. Mesmo desejando muito que esta atividade tivesse continuidade e a partir de uma análise geral feita pelo grupo sobre o bom desenvolvimento escolar dos estudantes, não conseguimos realizar nenhum encontro em 2022. Solicitamos às coordenações pedagógicas que incluíssem a atividade formativa no planejamento de trabalho, mas não tivemos tempo para conversar sobre os desafios e como superá-los institucionalmente.

Destacamos aqui alguns desses desafios: refletir sobre a “pedagogia da correria”, que refere-se ao trabalho conteudista ainda focado no “tempo perdido” pelas crianças durante a pandemia e desalinhado ao tempo presente e às novas possibilidades; aposta e sustentação das mudanças, com o apoio das direções escolares e qualificação dos processos de alfabetização e letramento nas diversas áreas no ciclo de alfabetização; elaboração de um projeto de alfabetização da escola; institucionalização dos encontros do Grupo de Estudos em serviço e dentro do horário de trabalho; continuidade e alinhamento dos planejamentos e ações voltados para alfabetização e letramento entre a educação infantil e o 1º ciclo – ainda há impasses e divergências sobre o processo de inicialização da alfabetização na educação infantil.

Ainda como desafios destacam-se a mudança efetiva nas práticas pedagógicas a partir dos aprendizados adquiridos na formação em rede Alfalettrar que reflita no desenvolvimento escolar dos estudantes; cenário político, social e institucional pouco favorável à consolidação de ações educativas que possam de fato contribuir com o desenvolvimento integral das crianças no período de alfabetização – campo em disputa no contexto político institucional, com as



descontinuidades das políticas de alfabetização temos muitos prejuízos; contar com o público na construção e avaliação da alfabetização, inclusive para garantir às crianças o direito de vivências significativas na escola – quem educa marca o outro, há transferências e expectativa de aprendizado e troca; e quem sabe conseguimos construir um espaço / estratégia / coletânea de atividades que podem ser compartilhadas e acessadas por todas nós.

Entendemos que tudo isso faz parte do processo de construção pedagógica das professoras e das escolas, e novos rumos, apesar de difíceis para algumas, são sempre bem-vindos e necessários. Talvez as questões aqui apresentadas possam impulsionar a construção de novas práticas políticas e pedagógicas, contínuas e ampliadas ou a reedição das ações individuais ou coletivas que foram bem-sucedidas no contexto apresentado.

## REFERÊNCIAS

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Organização do projeto de alfabetização da escola**. In: A organização do trabalho de alfabetização na escola e na sala de aula: caderno do professor / Isabel Cristina Alves da Silva Frade; Ceris Salete Ribas da Silva. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Infâncias-devir e currículo: a afirmação do direito das crianças à (aprendizagem) formação**. Ilhéus, BA: Editus, 2013.

SOARES, M. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.